

Expectativas do Mercado

O PIB do quarto trimestre dos EUA registrou alta de 2,2%, após revisão feita pelo Departamento de Comércio do país, perdendo força em relação ao trimestre anterior, quando cresceu 5%. As contribuições positivas vieram, principalmente, das despesas pessoais, investimentos de não residentes e exportações.

Essa desaceleração do crescimento do PIB americano no quarto trimestre refletiu, principalmente, o aumento das importações e a queda nos gastos do governo federal. Esses pontos negativos foram parcialmente compensados pela aceleração das despesas pessoais, retomada do investimento privado e aumento dos gastos dos governos estaduais e locais.

O PIB da Zona do Euro também foi revisado pela Eurostat, tendo apresentado alta de 0,9% em 2014. Para os dois primeiros trimestres de 2015, a expectativa é de crescimento de 0,3%, uma vez que a atividade empresarial expandiu em todas as quatro maiores economias do bloco pela primeira vez desde abril do ano passado. O corte de preços e a moeda mais fraca, aliados a um programa de estímulo de €1 trilhão do Banco Central Europeu (BCE), contribuíram para a retomada da atividade empresarial em fevereiro.

Na China, o PIB fechou 2014 com crescimento de 7,4%, o menor dos últimos 25 anos, mostrando desaceleração da economia do país. Para 2015, a expectativa de crescimento continua em baixa (+7%). Com o objetivo de reverter esse quadro, o banco popular da China (banco central do país) anunciou, no fim de fevereiro, nova queda das taxas de juros, a fim de conter as pressões deflacionárias. A inflação chinesa fechou janeiro de 2015 abaixo de 1%, pela primeira vez em cinco anos, refletindo o fraco consumo interno.

A produção industrial brasileira cresceu 2% em janeiro em relação ao mês anterior. No entanto, no comparativo com o mesmo mês de 2014, houve declínio de 5,2%, o décimo primeiro consecutivo, nesse tipo de comparação. A inflação (IPCA-15) registrou alta de 1,33% em fevereiro e já acumula elevação de 7,36% nos últimos 12 meses.

A expectativa dos analistas do mercado financeiro, segundo o Boletim Focus, de 13/03/2015, é de que o PIB tenha fechado 2014 com crescimento nulo e apresente retração de 0,78% em 2015, recuperando-se só a partir de 2016. A inflação (IPCA) já acumula alta de 2,2% nos dois primeiros meses do ano, podendo fechar 2015 com quase 8% de aumento. O Comitê de Política Monetária (Copom) aumentou a taxa Selic na sua última reunião para 12,75% a.a. e a taxa de câmbio, por sua vez, deve se desvalorizar ainda mais, situando-se acima de R\$ 3,00 por dólar neste e nos próximos anos.

Expectativas do mercado

	Unidade de Medida	2014	2015	2016	2017	2018	2019
PIB	% a.a. no ano	0,0	-0,78	1,3	2,0	2,3	ND
IPCA	% a.a. no ano	6,41*	7,9	5,6	5,2	5,0	4,7
Taxa Selic	% a.a. em dez.	11,75*	13	11,5	10,5	10,0	10,0
Taxa de Câmbio	R\$/US\$ em dez.	2,65*	3,06	3,11	3,10	3,18	3,21

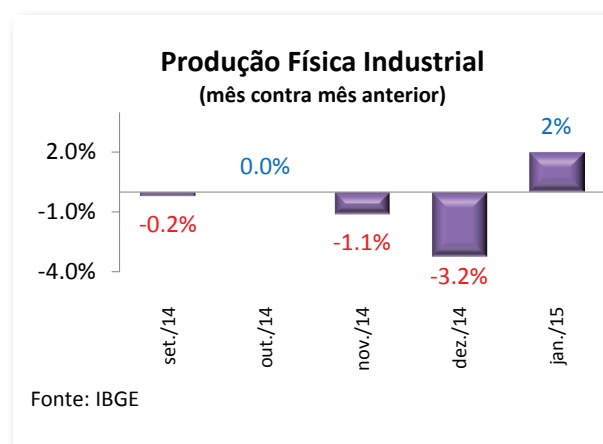
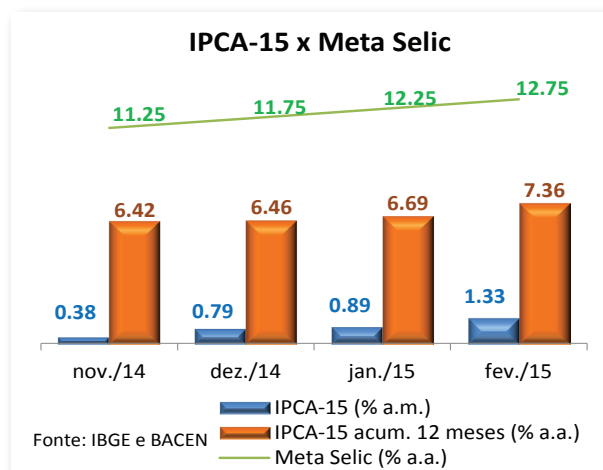
Fonte: IBGE e Banco Central do Brasil - Boletim Focus, de 13/03/2015

* Dados consolidados. ND = Não disponível

Confira os últimos estudos/pesquisas da UGE:

- Os negócios promissores de 2015;
- Anuário das Mulheres Empreendedoras e Trabalhadoras nas Micro e Pequenas Empresas 2014.

Acesse esses e outros estudos e pesquisas pela [intranet](#)



Notícias Setoriais

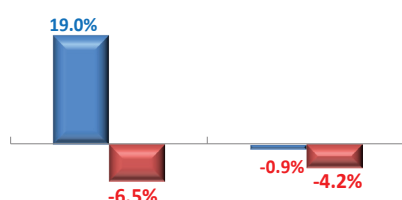
Comércio Varejista

O comércio varejista registrou, no primeiro mês deste ano, alta de 0,8% no volume de vendas e de 1,3% na receita nominal sobre o mês anterior, feito o ajuste sazonal. No acumulado dos últimos doze meses, a elevação foi de 1,8% (volume de vendas) e de 8% (receita nominal), destacando-se tanto no volume de vendas quanto na receita nominal, a atividade de art. farmacêuticos, med., ortop. e de perfumaria, com crescimento respectivo de 8% e de 13,4%. A previsão para 2015 é de crescimento menor, em face do cenário econômico desfavorável.

Têxtil e Vestuário

Têxtil e Vestuário - Produção industrial

■ jan./15-dez./14
■ fev.2014 a jan.2015/fev.2013 a jan.2014



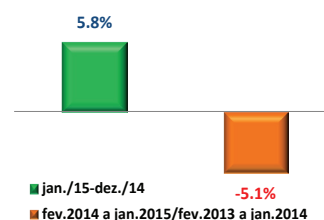
Fonte: IBGE

A produção da indústria têxtil registrou alta de 19% em janeiro de 2015 sobre o mês anterior. Nesse mesmo comparativo, a produção de Vestuário e acessórios mostrou comportamento diferente: retração de 0,9%. No acumulado dos últimos 12 meses, a produção têxtil teve queda de 6,5% e a de vestuários, de 4,2%. A balança comercial deste último setor, por sua vez, registrou déficit de US\$ 515 milhões nos dois primeiros meses de 2015 com as exportações se reduzindo 18%, e as importações, 9% frente a igual período de 2014. Diante do cenário de elevada concorrência, em especial com produtos importados, é de fundamental importância que os empresários invistam em inovação, pois assim poderão reduzir custos e otimizar processos, oferecendo ao consumidor produtos diferenciados e mais baratos.

Calçados

Em janeiro de 2015, a produção brasileira de calçados aumentou 5,8% sobre o mês anterior, mas acumula queda de 5,1% nos últimos 12 meses. Já a balança comercial do setor acumulou superávit de US\$ 50 milhões em janeiro e fevereiro deste ano, com o Rio Grande do Sul liderando as exportações em valor (36,7% do total), e o estado do Ceará em quantidade de pares (46,6% do total). Os Estados Unidos permaneceram como principal destino das exportações em valor (15,1% do total) e a França em número de pares (9,8%). O Vietnã continua como principal fornecedor de calçados para o Brasil, respondendo por 61,7% do total importado (em US\$), seguido pela Indonésia (18,2% do total) e China (9,6%). Para melhor enfrentar essa concorrência e se tornarem mais competitivas, as empresas brasileiras têm que priorizar investimentos em inovação.

Produção calçados (var. %)



Fonte: IBGE

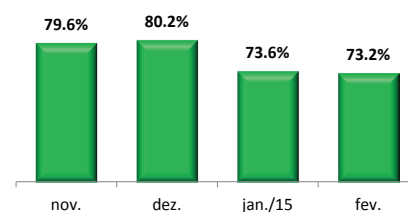
Móveis

A produção de móveis no país registrou queda de 4,2% em janeiro frente ao mês anterior e de 7,2% nos últimos 12 meses. A balança comercial do setor computou déficit de US\$ 54,7 milhões no acumulado de janeiro e fevereiro de 2015, tendo as exportações caído 14,2% e as importações, 4,7%, frente a igual período do ano passado. Em 2015, a concorrência deve continuar acirrada. Além disso, é provável que ocorra redução das vendas internas, dado o cenário econômico menos favorável: alta das taxas de juros, elevado nível de endividamento da população, e aumento dos custos, com a elevação dos preços da energia elétrica, dos combustíveis etc.

Turismo

Segundo a Sondagem do Consumidor – Intenção de Viagem, do MTur, em fevereiro de 2015, 23,7% dos brasileiros demonstraram intenção de viajar nos próximos seis meses (em fevereiro de 2014 esse indicador era de 26,7%). A maior parte deles (73,2%) dará preferência aos destinos turísticos nacionais. Dos brasileiros que pretendem fazer turismo interno, 53,4% utilizarão hotéis e pousadas e 38,7% ficarão em casas de parentes/amigos. A região Nordeste continua sendo a preferida por 45,1% dos turistas brasileiros, seguida pela região Sudeste (25,6%). O avião é o meio de transporte que deve ser utilizado por 60,4% dos turistas nacionais, que têm o automóvel como segunda preferência (24,4%). Para este ano, espera-se redução da demanda turística devido ao elevado nível de endividamento da população e às altas taxas de juros, dentre outros fatores.

Preferência pelo destino nacional (em % dos que pretendem viajar nos próximos 6 meses)



Fonte: MTur e FGV

Artigo do mês

Dênis Pedro Nunes

Economista, mestre pela UFES e analista da UGE do Sebrae Nacional.

Participação das MPE na Economia por UF

Em julho de 2014, o Sebrae divulgou o resultado muito positivo do estudo que atualizou a participação dos pequenos negócios no Produto Interno Bruto (PIB) em nível nacional. Esse estudo foi detalhado para cada grande região e unidade da federação, por atividade econômica, para as dimensões de número de empresas, pessoal ocupado, remunerações e Valor Adicionado (VA) para os anos de 2009 a 2011. O desdobramento deste trabalho inédito segue a mesma metodologia do trabalho anterior, divulgado na mídia nacional e na edição de outubro deste Boletim.

A variável mais importante para o objeto do estudo é o valor adicionado, que mede a contribuição das atividades econômicas na formação do PIB. No entanto, essa variável não deve ser vista de forma isolada, ou seja, o importante é entender, de forma mais clara, as diversas variáveis citadas no estudo que são decisivas para o contexto econômico de cada estado e região. Além disso, em cada região, as maiores ou menores participações das MPE na economia estão fortemente atreladas às suas características produtivas históricas.

A região Norte, por exemplo, abriga o estado com maior participação das MPE no VA e também o estado com menor participação. As MPE do Tocantins participam com 37,5% do VA pelas empresas no estado, sendo a maior participação do País. Já as do Pará têm participação de apenas 12,3% no PIB do estado. No Pará, há forte presença de médias e grandes empresas no setor extrativo mineral, o que contribui para que 43,5% do pessoal ocupado e 61,5% das remunerações no estado estejam nas médias e grandes empresas. Já no Tocantins, a participação de médias e grandes empresas é de apenas 22,8% no pessoal ocupado e 34,4% nas remunerações, o que faz com que a participação das MPE no Tocantins seja realmente bem maior.

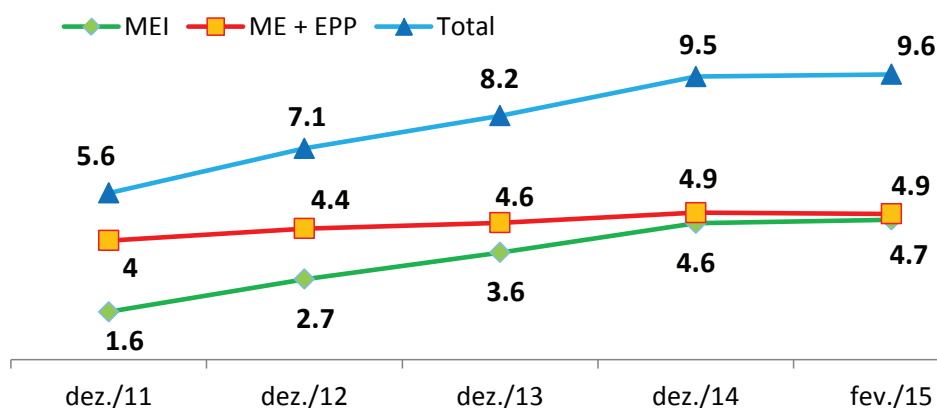
Ao considerar a visão regional, a participação das MPE no VA, de 2009 a 2011, se reduz levemente nas Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, e apresenta uma pequena elevação nas regiões Sul e Sudeste (tabela 1.1.2 do Sumário executivo do estudo). Nos últimos anos, as MPE aparecem com maior participação no PIB na região Sul (32,9%) e no Centro-Oeste (31,3%).

Vale ressaltar, no entanto, que o objetivo do trabalho é ser fonte de consulta e não de comparação entre as UFs. Conforme dito, recomenda-se que a análise seja feita considerando a riqueza de variáveis do estudo que contribui muito para entendimento do contexto econômico do estado dentro da sua região e também sua participação em nível nacional.

O estudo completo está disponibilizado no portal Sebrae, em Estudos e Pesquisas (menu: Conjuntura econômica). Se preferir, pode acessar o referido estudo, clicando aqui.

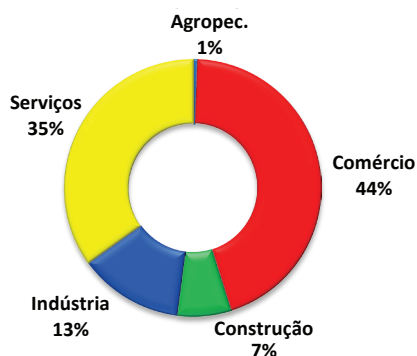
Pequenos Negócios no Brasil

Evolução dos optantes pelo Simples Nacional (em milhões)

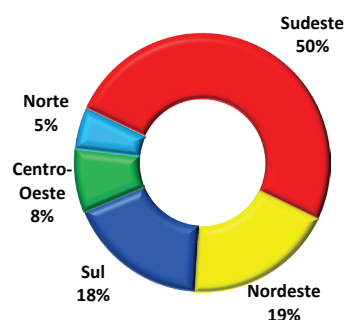


Fonte: Receita Federal

Concentração por Setor



Concentração por Região



Fonte: Secretaria da Receita Federal – março/2015.

Estatísticas dos Pequenos Negócios

Participação dos Pequenos Negócios na economia	Período	Participação %	Fonte
No PIB brasileiro	2011	27%	Sebrae/FGV
No número de empresas exportadoras	2013	59,4	Funcex
No valor das exportações	2013	0,8	Funcex
Na massa de salários das empresas	2012	39,8	Rais
No total de empregos com carteira	2012	51,7	Rais
No total de empresas privadas	2012	99	Rais

Outros dados sobre os Pequenos Negócios	Período	Total	Fonte
Quantidade de produtores rurais	2013	4,2 milhões	PNAD
Potenciais empresários com negócio	2013	13,2 milhões	PNAD
Empregados com carteira assinada nas MPE	2012	15,1 milhões	Rais
Renda média mensal dos empregados com carteira – MPE	2012	R\$ 1,3 mil	Rais
Massa de salários paga pelas MPE	2012	R\$ 20,7 bilhões	Rais
Número de MPE exportadoras	2013	10,9 mil	Funcex
Valor total das exportações das MPE (US\$ bi FOB)	2013	US\$ 2 bilhões	Funcex
Valor médio exportado por MPE (US\$ mil FOB)	2013	US\$ 195,4 mil	Funcex

Obs:

1. **Microempreendedor Individual (MEI):** receita bruta anual de até R\$ 60 mil.

2. **Microempresa (ME):** receita bruta anual igual ou inferior a R\$ 360 mil, excluídos os MEI

3. **Empresa de Pequeno Porte (EPP):** receita bruta anual maior que R\$ 360 mil e igual ou inferior a R\$ 3,6 milhões.